

Mudança pedagógica abriu caminhos

Quando soube, em 1985, que a Secretaria Municipal de Educação montara um programa de treinamento de professores para as escolas da região de São Conrado, Barra e Jardim Botânico, a equipe da Escola Municipal Lúcia Miguel Pereira, em São Conrado, inscreveu-se inteira, da diretora às professoras, e decidiu seguir à risca as sugestões para uma mudança na linha pedagógica da escola, que oferece da 1ª à 4ª série do 1º grau.

Paralelamente, a equipe foi procurar também uma assessoria oferecida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através da Faculdade de Psicologia, às escolas públicas, ganhando um acompanhamento semanal para os professores, que durou até o ano passado. Tudo para enfrentar distorções como a reprovação de 207 dos 366 alunos matriculados na 1ª série, ocorrida em 1984.

A escola passou de três para dois

turnos, o que permitiu aumentar a carga horária dos alunos, a maioria da favela da Rocinha, e aboliu a cartilha na 1ª série. Com a assessoria que receberam, os professores começaram a se acostumar a trabalhar sem a dependência do livro didático. "Não foi fácil tirar esse apoio do professor", conta a diretora da escola, Lillian Regina Diniz. "Eles estranharam não ter mais tudo pronto. Precisavam criar", diz.

Na nova proposta, a própria criança constrói textos e a partir desses textos é alfabetizada. Regras gramaticais e raciocínio matemático são deduzidos por ela. "O método não é arrumadinho. Os exercícios que preparei para a turma do ano passado não servem para a deste ano, porque são crianças diferentes", entende a professora da 1ª série, Maria das Graças Martins, 24 anos, que vibra com sua experiência em sala de aula, mas está fazendo um curso de prótese

dentária para ter um segundo emprego e aumentar o salário de Cr\$ 18 mil.

A linha seguida pelas professoras está no livro *Alfabetização: outras questões, outras histórias*, da linguísta Heloisa Vilas Boas, da Secretaria de Educação estadual, responsável pelo projeto de orientação nas escolas municipais até o ano passado. O mesmo trabalho que fez no município ela faz em colégios particulares, como o Centro Educacional Anísio Teixeira e o São Vicente de Paula. "A criança que está sendo chamada a pensar sobre o que faz tem um rendimento melhor", acredita Heloisa.

A nova fase da escola parece ter despertado, como supunha o novo método, o lado crítico e participativo das crianças. Os alunos da 1ª série, por exemplo, com idade entre 8 e 9 anos, reivindicaram no ano passado a eleição de um representante de turma. "Cuido para as crianças não fazerem bagunça, ajudo a professora e faço reclamações", diz a representante Marcela Patrícia da Silva, nove anos, filha de arrumadeira, definindo a função para a qual foi eleita pela turma.

A avaliação dos alunos não é feita apenas por prova escrita e inclui o desempenho em sala de aula e nos exercícios propostos diariamente. O índice de reprovação da 1ª para a 2ª série atinge 15%, contra os 60% de cinco anos atrás. Na 4ª série, outro ponto crítico da trajetória dos alunos da rede pública — pois é no gargalo da passagem para o segundo segmento do 1º grau (o antigo ginásial) que se dá boa parte da evasão escolar —, a aprovação é praticamente de 100% e, segundo o acompanhamento que a direção da escola faz ao encaminhar os alunos para a 5ª série em outras escolas, todos se matriculam para seguir em frente. (E.B.)

Alcyr Cavalcanti



Em São Conrado, índice de reprovação agora é pequeno